



“A nossa cultura que mitifica (ingenuamente) a eficácia e o utilitarismo há muito cancelou o valor da espera.” No entanto “A vida requer a paciência do oleiro, que, para fazer um vaso que o satisfaça, faz duzentos para treinar o gesto...”
José Tolentino Mendonça

Palestra

De como um olhar (distráido) sobre o “Número da Besta” nos pode transportar para territórios outros de todo insuspeitos como, por exemplo, começar por escutar a Abertura da magnífica ópera “King Arthur” de Henry Purcell (1659 – 1695), sob a esplendente condução do maestro John Eliot Gardiner, enquanto falamos um pouco do encanto e da estranheza do mundo de Hieronymus Bosch (c. 1450 – 1516), da visão mística e da beleza da poesia de William Blake (1757 – 1827), do génio do gravador e pintor alemão Albrecht Dürer (1471 – 1528), sem deixar de dar nota e de enfatizar o grande cinema de Ingmar Bergman (1918 – 2007).

Façamos, então, uma pausa na nossa conversa e escutemos uma dança, o fabuloso *Scherzo da Partita número 3 em Lá menor (BWV 827)*, de J. S. Bach (1685 – 1750) interpretado pelo génio do pianista Glenn Gould.

Podemos falar, de seguida e a propósito do Livro do Apocalipse, sobre o Novo Testamento, lançar a ponte para o Antigo Testamento e fazer referência ao Cativo da Babilónia que aparece mencionado, por exemplo, no Livro de Jeremias e que nos poderá conduzir ao reinado de Nabucodonosor II (c. 632 a.C. – 562 a.C.), ao esplendor da civilização Babilónica e à excelência da Matemática aí desenvolvida.

Referiremos a enorme criatividade do cinema de Quentin Tarantino e revisitaremos, uma vez mais, o fascinante mundo do renascentista Heinrich Agrippa (1486 – 1535).

(Num breve parêntesis, é de referir que, ao longo desta nossa conversa, estaremos na companhia de François Couperin (1668 – 1733), escutando partes das suas suítes “Les Nations”, segundo a bela e elegante direcção de Jordi Savall.)

Podemos, ainda, a propósito dos números triangulares e do número de ouro, enfatizar, agora e sempre, o brilho e o requinte dos trabalhos de Euclides (c. 325 a.C. – c. 265 a.C.) e, ao falar da média harmónica, sublinhar o esplendor da Escola Pitagórica (Séc. VI a. C.); realçaremos, de igual modo, a importância de Fibonacci (1180 – 1250) na Matemática da Idade Média europeia.

Ir-nos-emos, ainda, acercar da porta que nos poderia deixar antever o fascinante universo dos números — inteiros — e das suas surpreendentes propriedades. Ficaremos, no entanto, desta feita, no seu limiar, observando tão-só os números de Harshad e os números de Smith.

Finalizaremos, então, de forma festiva, a nossa conversa, escutando a bela e impressionante *Marche pour la Cérémonie des Turcs* da obra *Le Bourgeois Gentilhomme* de Jean-Baptiste Lully (1632 – 1687), músico que trabalhou na corte do Luís XIV, segundo a envolvente direcção de Paul Goodwin.

Barreiro, 2 de Abril de 2014

Prof.: José Carlos

